

**Relembrando
Oliveira Castro**

*Alfredo Marques & Luiz Aduato Medeiros**

Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas - CBPF
Rua Dr. Xavier Sigaud, 150
22290-180 – Rio de Janeiro, RJ – Brasil

*Instituto de Matemática da UFRJ, CCMN
Cidade Universitária
21949-900 – Ilha do Fundão, Rio de Janeiro, RJ – Brasil



***19/05/1902 †30/05/1993**

***19/05/1902 †30/05/1993**

Obituário de Francisco Mendes de Oliveira Castro – Notícias da ABC/Julho 93

Múltiplas lições de vida legou Oliveira Castro aos seus amigos, alunos e àqueles que tiveram o privilégio de com ele conviver. Entre elas, cabe lembrar a importância que ele atribuía à preservação da **memória científica**.

Fazendo nossas as suas preocupações, procuramos colher estes depoimentos que registram as diversas contribuições de Castro à história científica do Brasil. É esse o nosso preito a sua memória.

A Diretoria

— — —

Depoimento do Acadêmico Cesar M.G. Lattes

Professor Francisco Mendes de Oliveira Castro

*Castro para os colegas
Chico para os amigos
Francisco para as namoradas
(muitas em quarenta anos de viuvez)*

Conheci Castro em 1945 — bomba atômica — em simpósio organizado pela Fundação Getúlio Vargas. Foi um contato muito rápido.

No início de 1949, João Alberto Lins de Barros, Nelson Lins de Barros, José Leite Lopes, Leopoldo Nachbin, Hervásio Guimarães de Carvalho, Castro eu e mais uns vinte fundamos o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, entidade civil, sem fins lucrativos, sem patrimônio (exceto os cérebros) e sem dinheiro para a guarda, a geração e a transmissão de conhecimento científico em Física, Matemática e afins. Castro, com a colaboração de Antônio Aniceto Monteiro — matemático português, foi muito importante na fase de implantação e implementação do CBPF. Logo ficamos amigos íntimos, os Fialhos, eu e Martha — minha mulher — e os Castros Marina, Francisco e os filhos Sérgio e Yolanda.

Nem sempre as numerosas visitas aos Castros eram puramente por amizade; toda vez que me defrontava com a matemática cabeluda ia ao Castro que apresentava soluções claras, simples, elegantes e com aquela letrinha bonita que manteve até o fim.

Pediram-me que dissesse alguma coisa do Castro da matemática e de suas aplicações à física. Não vou tentar ser biógrafo (para isto seria necessário consultar d. Elza de Oliveira Castro, viúva de Gustavo, o irmão, biólogo-ecologista vegetal — antes que ecologia se tornasse moda). Em idade, Castro e eu diferíamos em 23 anos e isto faz com que, em certos casos, tenha que me limitar ao ouvir dizer, mas Castro tinha e — se me permitem — tenho, coração de menino e em nossos contatos nunca sentimos a diferença de idade.

Do que guardo de fatos com Castro: formou-se em Engenharia pela Escola Politécnica. Casou-se moço com Marina Burlamaqui. Trabalhou como engenheiro em Santa Catarina em mina de carvão e estrada de ferro. Fez trabalhos de engenharia civil na urbanização do Rio de Janeiro; em particular na construção de uma ladeira íngreme e em curva que sai de Botafogo, tendo de calcular muros de sustentação com altura acima dos valores de tabelas existentes. Calculou então uma nova tabela suficiente. Foi professor assistente na Escola Politécnica, tendo se tornado catedrático, por concurso, na cadeira de Estações Geradoras, medidas Elétricas e Linhas de Transmissão. Foi professor da Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro. Passando a fazer parte da equipe de técnicos do Instituto

Nacional de Tecnologia, coube-lhe implantar e implementar o Gabinete de Medidas Elétricas (em princípio toda medida elétrica honesta, no Brasil, depende dos padrões que Castro preparou e calibrou no INT).

Castro era um físico do século passado (“natural philosopher”). Conhecía física e matemática. Gostava de cálculo operacional de Heaviside usando-o com os devidos cuidados. Assistiu e aproveitou as aulas e conferências de Luigi Fantapié sobre funções analíticas e equação de Volterra.

A matemática de Castro foi de auxílio à conversão de Bernardo Gross (no INT), que chegou ao Brasil vindo dos raios cósmicos alemães e acabou na reologia.

Depois do período em que precisou ficar hospitalizado por motivo de doença grave. Castro retomou suas atividades com o entusiasmo de sempre. Em 1965, o CBPF entrou a fazer parte da colaboração Brasil-Japão-URSS sobre raios cósmicos de altíssimas energias ($10^{12} - 10^{17} eV$). A meu pedido Castro resolveu vários problemas matemáticos relativos a equações de difusão de raios cósmicos. As soluções de Castro (separação de variáveis) eram sempre mais simples e mais rigorosas do que aquelas apresentadas pelos nossos colaboradores.

Já com 90 anos Castro continuava alerta: resolveu a equação de Schrödinger para o oscilador harmônico no caso de diferenças finitas em vez de diferenciais.

Ultimamente estava mais interessado em traduzir poesias francesas que ele julgava estarem mal traduzidas.

Era bom poeta, especialmente satírico.

— — —

Depoimento do Acadêmico Maurício Matos Peixoto

Conheci Francisco Mendes de Oliveira Castro quando eu era aluno da Escola Nacional de Engenharia e ele professor de Medidas Elétrica. Nunca o tive como professor e o conheci através de meu colega de turma Leopoldo Nachbin, por volta de 1940.

Causou-me funda impressão o meu contato inicial com Oliveira Castro, se bem que nessa época meus encontros com ele se faziam sempre pelos corredores da Escola. A sua modéstia, a sua vasta cultura de matemática e física, a sua permanente disponibilidade me fascinaram. Expressões mágicas como “integral de Lebesgue”, “transformada de Fourier”, “teoria da relatividade”, “mecânica quântica” ainda hoje, não raro, me fazem lembrar de Oliveira Castro. Desde então e até poucas semanas antes de sua morte sempre procurei seu convívio e sua amizade.

Retrospectivamente Oliveira Castro foi sobretudo um grande amante da verdade, da verdade científica, um dos primeiros e um dos mais autênticos que me foi dado conhecer de perto.

— — —

**Depoimento do Prof.
Hélio M. Portella**

O professor Francisco Mendes de Oliveira Castro começou a estudar a radiação cósmica em meados da década de 70 a convite do professor Cesar M. Lattes na tentativa de simplificar as soluções das Equações das Cascatas Hadrônica e Eletomagnéticas que se formam e se propagam na atmosfera.

A difusão das partículas da radiação cósmica na atmosfera é governada por equações íntegro-diferenciais cujas soluções eram, até então, obtidas analiticamente com o uso da Transformada de Mellin. Estas soluções, entretanto, são representadas por integrais de contorno no domínio complexo e que somente em alguns casos particulares podem ser calculados exatamente.

O professor Castro resolveu estas equações com o uso do método das Aproximações Sucessivas encontrando soluções compactas e de fácil uso, generalizando os resultados até então encontrados, considerando um espectro primário da radiação cósmica representado por uma função contínua e limitada $G(E)$ qualquer.

Na obtenção do fluxo dos hádrons, elétrons e fótons necessita-se das distribuições de energia dos mésons secundários originados das interações hádron-núcleo. O professor Castro fez um estudo minucioso do modelo de Bola de Fogo mostrando que esse modelo era compatível com a propriedade de similaridade (Scaling) muito usada por pesquisadores de raios cósmicos.

Ao resolver a equação de difusão dos núcleons na atmosfera considerando constante o livre percurso médio desses núcleons, o professor Castro mostrou que a distribuição de probabilidades dessas partículas ao sofrerem interações é governada pela distribuição de Poisson. Esse resultado é extremamente importante, pois num trabalho clássico G. Brooke e S. Wolfendale mostraram que se a distribuição for poissônica o fluxo de núcleons para diferentes profundidades atmosféricas é obtido automaticamente.

O professor Castro participou ativamente da colaboração Brasil-Japão de Raios Cósmicos publicando vários trabalhos desse assunto. Ele orientou tese de doutorado do prof. H.M. Portella, baseado num trabalho anterior de sua autoria, sobre a difusão dos núcleons na atmosfera, considerando a seção de choque crescente com a energia. Ao resolverem essa equação de difusão eles encontraram que a distribuição de probabilidades de interação desses núcleons na atmosfera era do tipo binominal e vincularam o tipo de distribuição com a forma de crescimento com a energia da seção de choque.

Nesses anos que esteve estudando raios cósmicos o professor publicou ainda vários trabalhos sobre Sistema Lineares, Teoria das Distribuições e sobre dielétricos.

Oliveira Castro e a Matemática

Quem vem acompanhando a evolução do CBPF desde seu nascimento na *Rua Álvaro Alvim 21*, posteriormente situado no histórico barracão próximo à Reitoria da Universidade do Brasil, na Urca, onde se localizou inicialmente a primeira biblioteca destruída pelo incêndio, não pode dissociar de todo este panorama a figura marcante de *Oliveira Castro*.

Posteriormente, com ele convivemos na nova sede do Centro, como foi denominado nos tempos iniciais, principalmente no quarto andar, onde se localiza a atual biblioteca. Ao ingressarmos na sala de leitura deparávamos com *Oliveira Castro* sentado à mesa do centro, absorvido na leitura de novos periódicos de seu interesse. Hoje, após a passagem de *Castro* para outra esfera, ao entrarmos na área do CBPF temos a impressão de encontrá-lo a cada instante de nosso percurso, com aquela aparência tranqüila, envolto no sonho de uma nova invenção matemática que procurava entender e alimentando seu espírito curioso de um autêntico pesquisador. A impressão é que tudo se passava e sem saber sonhava viver sempre naquele ambiente integrado à sua vida e, quem sabe, pensava — “quando eu morrer minha sombra há de viver aqui”. Viverá, sim, enquanto viverem aqueles que tiveram a felicidade de conhecê-lo.

Quanto ao seu trabalho de investigação científica gostaríamos de iniciar mencionando a monografia intitulada: *Linhas de Transmissão — Problema Fundamental*, Rio de Janeiro, 1949 (Dissertação apresentada à Congregação da Escola de Engenharia da Universidade do Brasil). No estudo de linhas de transmissão o modelo matemático é a equação diferencial parcial

$$\frac{\partial^2 u}{\partial t^2} - \frac{\partial^2 u}{\partial x^2} + a \frac{\partial u}{\partial t} + bu = 0, \quad (1)$$

sendo $u(x, t)$ uma função real definida no plano, \mathbb{R}^2 , para $x > 0$ e $t > 0$. A equação (1) denomina-se equação do telégrafo e trata-se de uma equação do tipo hiperbólico. O problema fundamental a que ele se refere é o problema de *Cauchy* no setor $x > 0$ e $t > 0$, estudado pelo método de *Riemann*. Este método baseia-se na determinação da função de *Riemann* que no caso de (1) é uma função de *Bessel*. Essas funções, segundo *Lelio Gama*, cf. Atas do Quinto Colóquio Brasileiro de Matemática 1965, não eram aceitas pelos líderes positivistas da Escola de Engenharia. O método de *Riemann* não era popular na época e o trabalho de *Oliveira Castro* trouxe uma nova contribuição naquele momento. O método de *Riemann* é ainda nos dias de hoje aplicado com sucesso em várias situações.

O livro de *Fernando de Azevedo*, *As Ciências no Brasil*, Ed. Melhoramentos 1954, contém em seu capítulo I um artigo de *Oliveira Castro* intitulado: “A Matemática no Brasil”. Trata-se de um esboço histórico da educação brasileira, iniciando com a influência dos jesuítas até os anos ’30, com a criação das Faculdades de Filosofia em S. Paulo e no

Ondas em Linhas de Transmissão

PROBLEMA FUNDAMENTAL

DISSERTAÇÃO APRESENTADA À CONGREGAÇÃO
DA ESCOLA NACIONAL DE ENGENHARIA
DA UNIVERSIDADE DO BRASIL

POR

F. M. DE OLIVEIRA CASTRO

Rio de Janeiro, 1949

Rio de Janeiro. Menciona a Universidade do Distrito Federal, a primeira experiência de uma instituição voltada para a pesquisa básica associada ao ensino universitário. Segundo *Lelio I. Gama, op. cit.*, as disciplinas de Análise Matemática eram lecionadas por ele e *Oliveira Castro*. Esta Universidade constituiu-se em ponto fundamental para o desenvolvimento da matemática no Brasil.

Oliveira Castro na UDF

Do discurso do Prof. Lelio I. Gama, Atas do V Colóquio Brasileiro de Matemática, Poços de Caldas, 4 a 24 de junho de 1965

É por essa altura que se cria, no Rio de Janeiro, a antiga e efêmera Universidade do Distrito Federal. Foi confiada a Direção da Escola de Ciências dessa Universidade a Roberto Marinho de Azevedo, figura de destaque no corpo docente da antiga Escola Politécnica. Roberto Marinho, embora engenheiro especializado em ramo técnico, mantinha atualizada sua visão matemática. Dotado de apreciável preparo analítico tomou ele a peito o problema da cultura matemática e procurou, investido naquele alto cargo, modificar o rumo dos acontecimentos. Na nova Universidade, a convite de Roberto Marinho, eu e Francisco Mendes de Oliveira Castro combinamos esforços no sentido de dar nova feição, novo destino, ao ensino da Matemática. Por modesto que fosse o empreendimento, não deixou de produzir certa agitação nas mentalidades estáticas. Vou contar um detalhe.

Iniciáramos o curso de Análise clássica pela teoria dos números reais do ponto de vista de Dedekind, sobretudo para por em circulação o conceito de número irracional, que nunca fora dantes ventilado, ao que soubéssemos, em nenhum programa de ensino. Quando, realmente, entrei para a Escola Politécnica, o número irracional era qualquer coisa que se dizia que existia, mas que não existia. Exigia, para sua representação, um número infinito de casas decimais. Aí é que pegava o carro. Pulava-se, então, por cima do conceito, e passava-se, assim mesmo, à noção de continuidade. Por onde se vê que, naquele tempo, a continuidade era descontínua. Para obviar, logo de início, essa lacuna no ensino local, começamos, então, por esclarecer a noção de número irracional. E que sucedeu então? Brotou como um cactus verde e espinhoso, nos bastidores escolares, o comentário, entre jocoso e mordaz, de que eu e Oliveira Castro estávamos “irracionalizando” a mocidade.

ZEITSCHRIFT FÜR PHYSIK

HERAUSGEGEBEN UNTER MITWIRKUNG
DER
DEUTSCHEN PHYSIKALISCHEN GESELLSCHAFT
VON
H. GEIGER

Sonderabdruck 114. Band. 1. und 2. Heft

F. M. de Oliveira Castro
Zur Theorie der dielektrischen Nachwirkung



VERLAG VON JULIUS SPRINGER, BERLIN

1939

Seu primeiro trabalho científico em periódico internacional foi publicado no *Zeitschrift Für Physik*, em 1939, sob o título: Zur Theorie der dielektrischen Nachwirkung (*Z. Physik Sonderabdruck* **114**, Band 1. und 2. Heft, 116-126 (1939)). Nesse trabalho *Castro* estuda o modelo matemático

$$C \frac{du}{dt} + \frac{u}{R} + \int_0^t \frac{du}{dt} \phi(t - \tau) d\tau + i_0(t) = 0$$

sendo $u = u(t)$ a função incógnita, C e R constantes físicas do problema a ser estudado. Faz um estudo do problema analítico e constrói soluções numéricas. O trabalho termina com um agradecimento ao Prof. *B. Gross* e se alinha com uma série de outros que elevaram a reputação do Instituto Nacional de Tecnologia nos estudos sobre dielétricos à excelência internacional. Na esteira desses trabalhos encontra-se a descoberta de *Joaquim da Costa Ribeiro* do Efeito Termodielétrico, conhecido internacionalmente como *Efeito Costa Ribeiro*.

No final da década dos anos '50 *Laurent Schwartz* foi professor visitante do CBPF, tendo a oportunidade de desenvolver uma série de lições sobre teoria das distribuições, teoria esta por ele criada. Esta teoria de *Schwartz* foi um passo decisivo na teoria das equações diferenciais parciais. *Oliveira Castro* se beneficiou com essas novas idéias lhe sendo possível aperfeiçoar os métodos que conhecia para o estudo de problemas clássicos de Física Matemática. Seguem esta linha de idéias seus resultados de pesquisas publicados nos *Anais da Academia Brasileira de Ciências* em 1988. Nos Anais aparecem trabalhos de sua autoria em 1979 e 1986, associados à pesquisa de *Cesar Lattes*.

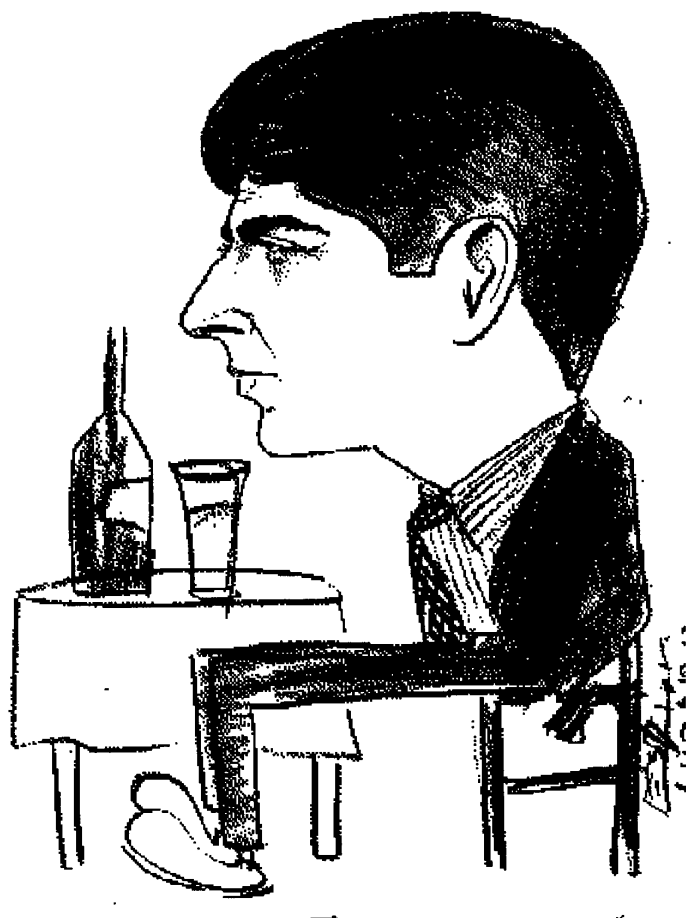
Convém salientar a vitalidade intelectual de *Oliveira Castro*, publicando aos oitenta e quatro anos trabalhos criativos. Quem o conheceu de perto guarda a lembrança de seu entusiasmo contagiante ao falar de seus sonhos matemáticos, nos levando a dizer que “*mathematics is not only a game of young people*”.

Outras lembranças. Poesia

Nossa convivência com *Oliveira Castro* remonta a meados da década de cinqüenta, durando assim cerca de quarenta anos — pouco menos da metade de sua existência. Pode-se dizer mesmo que perdemos a melhor metade e que, na outra, nosso relacionamento nem sempre foi do tipo que permitisse privar do melhor de sua intimidade. Sem qualquer veleidade biográfica, apresentamos a seguir, principalmente, flagrantes que a memória reteve; há também muito obtido de contemporâneos seus e de amigos mais chegados. Finalmente encorajou-nos o acesso a uma pequena coleção de poemas que deixou, por termos visto neles um retrato precioso de nosso personagem e de seu tempo.

Um dentre oito irmãos, *Castro* nasceu, em 19 de maio de 1902, numa família de classe média alta, relacionada com a família imperial. Seu pai foi médico assistente de alguns membros da côrte e um ancestral seu (avô ou bisavô, não pudemos esclarecer) tinha o título de Barão e é nome de uma rua na Gávea: rua Barão de *Oliveira Castro*. Exibiu a diversos amigos, orgulhosamente, fotografias e pertences de ascendentes seus, quando os doou ao Museu Imperial naquela cidade. Teve uma infância protegida, cuidada, dentro dos rigores da época, onde não faltaram os folguedos infantis, num casarão espaçoso, em amplo terreno arborizado na Rua S. Clemente, com uma invejável clã de irmãos coadjuvantes.

Formado em Engenharia Civil em 1923 assumiu seu compromisso profissional trabalhando em projetos de mineração, grandes projetos de obras civis, e de ferrovias em Sta.



De um caricaturista de rua (1956)

De um caricaturista de rua (1956)

Catarina, no Maranhão, no Rio, Minas, E. Santo, na capital e no interior de S. Paulo. Por ocasião do casamento de uma das filhas de *Lattes*, de quem foi padrinho, caminhando pelas ruas desertas da cidade de Campinas na volta ao hotel, fez-nos apaixonado relato sobre tarefas que cumpriu e suas repercussões no desenvolvimento da região. Também dedicou-se ao ensino desde que se formou, tendo sido assistente de professores da maior reputação em áreas especializadas da engenharia, como Lino de Sá Pereira e Roberto Marinho de Azevedo; este o convidou para fazer parte da equipe da Escola de Ciências na recém-criada Universidade do Distrito Federal, em 1935, cuja direção assumira. A convivência com *Lelio I. Gama* na Universidade do Distrito Federal e com *Bernhard Gross* no Instituto Nacional de Tecnologia foram decisivas para sua escolha definitiva entre a pesquisa em matemática e a engenharia que abraçara inicialmente.

Casou-se, teve dois filhos, *Sergio* e *Yolanda*; dois netos nasceram de *Sergio* que não teve vida longa. O mesmo se pode dizer de sua esposa, D. *Marina*, falecida em meados dos anos '50. A perda da esposa foi um golpe de difícil recuperação. Entregou-se à vida boêmia, totalmente desregrada; em pouco tempo internava-se, tuberculoso, num sanatório em Correias, distrito de Petrópolis, onde permaneceu mais de ano. Terminou o tratamento com duas seqüelas: uma surdez que se acentuou ao longo do tempo, fruto dos antibióticos que precisou tomar, e uma certa saudade da vida boêmia. Ambas o acompanharam por toda a vida. Para acomodar-se à primeira recorreu à uma prótese auditiva; para a segunda condicionou-a, sempre que possível, aos fins de semana.

É quase impossível para quem o conheceu apenas no ambiente profissional, na sala de aula ou no gabinete de trabalho, habituando-se, assim, a um homem tímido, reservadíssimo, contido no gesto e no sorriso, fala e movimentos mansos, capaz de impor-se a mais ferrenha disciplina de trabalho, metuculoso, diligente, empenhado em seguir os labirintos das verdades matemáticas até seus portais de origem, transformar-se num boêmio, risonho, apaixonado, extrovertido, indulgente com as extravagâncias e explosões alheias e até mesmo, ele próprio, explosivo. Ouvimos do Prof. *Cesar Lattes*, seu amigo e compadre, a seguinte história. Certa manhã D. *Marina* voltou da feira queixando-se do destrato que sofrera de um vendedor de bananas, pretendendo não mais que relatar o fato e concluir sobre a falta de urbanidade de quem mais precisa dela para vender sua mercadoria. Não poderia imaginar que pudesse enfurecer *Castro* ao ponto de fazê-lo sair em busca do atrevido feirante para tirar satisfações; seus apelos para nada fazer foram inúteis. Diante do bananeiro *Castro* tomou de um cacho de bananas ainda verdes ergueu-o sobre a cabeça, arremessando-o com toda a violência sobre o atrevido, enquanto D. *Marina* gritava a plenos pulmões: – Não Chico!, grito paralisante, desses que só as mulheres muito aflitas conseguem dar. Demasiado tarde; o cacho de bananas atingiu seu alvo entre a mandíbula e o estômago, deixando o feirante caído, atônito. Percebendo a desproporção do gesto, *Castro* ainda tentou ser atencioso com o desesperado grito da mulher: — Ué, não era esse?

Na verdade nunca houve dois Castros, um do trabalho outro da noite. Apenas era um homem sumamente tímido e reservado, barreiras que se quebram mais facilmente quando não há muita luz em volta. Aqueles que, pela convivência continuada, ultrapassaram os limiares de sua timidez, encontraram uma pessoa muito terna, afável, bem humorada, amigo caloroso, amante da conversa descontraída, delicioso contador de histórias.

Mais difícil era vencer sua necessidade de se isolar sempre que uma idéia relativa

à solução de algum problema o assaltava. Comumente recorria à sua notória surdez, abaixava totalmente o volume da prótese corretiva e dizia ao interlocutor mais insistente que a pilha gastara e que tão logo a trocasse ouviria o que tinha a dizer *etc., etc.* Uma vez o encontramos passeando lentamente de frente ao Copacabana Palace, já ia alta a noite, envergando seu terno escuro, de alinhado impecável, gravata, sapatos de verniz preto, e ouvimos dele que deixara o clube noturno onde se encontrava porque a algazarra estava demasiada e, mesmo reduzindo a zero o volume da prótese auditiva, não tinha condições de refletir sobre um problema ligado à classificação de Cauchy das equações a derivadas parciais que o assaltara subitamente!

O contador de histórias, o conhecemos num vagão de bonde desativado que a Prefeitura do Rio colocara na Praça do Lido para servir de lazer às crianças, mas também para manter a memória daquele que fora o transporte popular do carioca por mais de cinquenta anos. *Castro* se encontrava sentado com um companheiro com o qual discutia acaloradamente, já também avançada a madrugada. Seu interlocutor não era senão *Alberto de Castro Simoens da Silva*, figura conhecidíssima na noite carioca pelo apelido de *Bororó*. *Bororó* se dizia sobrinho-neto da Marquesa de Santos e *Castro*, seja por provocação, seja porque não acreditava mesmo, pedia-lhe provas¹. Nossa chegada foi providencial porque permitiu a *Castro* desviar a questão da árvore genealógica do *Bororó* para o tema ‘bonde’. Os dois eram grandes contadores de histórias e sabiam muitas a propósito do assunto: políticos famosos ligados à empresa e à sua fiscalização, triângulos amorosos envolvendo nobres senhores, membros do Gabinete, desonestidades diversas, carnaval, um vastíssimo anedotário, histórias que só terminaram quando os primeiros raios de sol ultrapassaram os beirais das cumieiras dos prédios vizinhos, fustigando nossos olhos tresnoitados.

Foi um homem sumamente generoso; são inúmeros os exemplos de pequenos funcionários da Escola de Engenharia, do INT, do CBPF, do hotel onde residia, que ajudava regularmente nas aperturas orçamentárias. Mas não era o que se pode chamar de um “mão-aberta”. Sabia da condição difícil daquelas pessoas e de sua aplicação no trabalho. Nem poderia ser de outro modo, pois vivia dos seus proventos de professor universitário e pesquisador. Tampouco era um ingênuo que pudesse ser levado a acreditar em qualquer historietta forjada. Sua passagem pela boemia carioca teria sido uma temeridade se à sua generosidade inata não pudesse acrescentar um requintado sentido de julgamento do caráter das pessoas. Sempre impecável na vestimenta, finíssimo no trato, falando corretamente o idioma, sem gírias ou chavões vulgares, era um alvo de certa vulnerabilidade. Sabia, entretanto, manter à distância mesmo os mais astutos e ardilosos exploradores da boa fé alheia. Seu temperamento arrebatado levou-o muitas vezes a envolver-se em romances com algumas personagens da noite, deixando aflitos os amigos que não conheciam ou não acreditavam muito na eficácia daquele aspecto de sua personalidade. Não sabemos de ninguém que lhe tenha dirigido qualquer palavra de reprovação nem de simples cautela; parece que adivinhava a aflição dos amigos e, através de metáforas (nunca punha abertamente em discussão qualquer questão pertencente ao universo de suas preferências pessoais), derrubava qualquer crítica. Deixava sempre a impressão de alguém que exercia

¹Bororó notabilizou-se por compor algumas canções populares de grande sucesso em fins dos anos trinta, início dos quarenta. Encontramos referência àquele parentesco na Antologia da Música Popular Brasileira de Ary Vasconcellos. Se não foi o próprio Bororó quem deu a informação, é possível que Castro estivesse equivocado ou simplesmente provocando o amigo.

seu direito à livre escolha, sem induções ou conduções. Encerrava a conversa com o semblante altivo dos vencedores, mas em algumas ocasiões subestimou a misteriosa química que faz e desfaz as ligações humanas e carregou com ele algumas cicatrizes.

Rua Paissandu 23 é o endereço de sua residência no Curriculum Vitae. Trata-se do endereço do Hotel Paissandu, onde viveu boa parte de sua vida, desde pouco tempo depois da alta do Sanatório em Correias, até bem perto de seu falecimento. Quase na esquina da Praia do Flamengo, numa rua calma, igual a tantas outras da região, não fosse pelo toque de majestade que lhe emprestam centenárias palmeiras enfileiradas ao longo de seu trajeto. Com acomodações e áreas sociais confortáveis, mobiliário sóbrio mas muito elegante, não há luxo nem ornamentos supérfluos, tudo compondo um ambiente propício ao descanso, e à reflexão; cozinha boa, saborosa, brasileira, mesmo os visitantes ocasionais sentem-se facilmente em casa. O Paissandu tinha uma característica interessante: a presença de uma hospedagem estável, constituída em sua maioria de senhoras na faixa etária de Castro, viúvas semi-rejeitadas, algumas, outras decididas a não estorvar a vida de filhos, genros ou noras. A presença dessas senhoras conferia uma certa “finesse” ao ambiente, comunicativas, ternas, e sempre muito elegantes. Atrás da octagenária hospedagem sempre aparecem espertalhões de ambos os sexos, de olho nas pensões e posses, explorando eventuais carências afetivas das suas vítimas. O administrador da casa, homem experiente e maneiroso, exercia um patrulhamento especial contra a hospedagem aventureira, freqüentemente já conhecidos seus de “golpes” anteriores. Aconteceu que o último dos envolvimento de Castro o levou aos cuidados de uma hóspede com quem o administrador da casa, velho amigo do professor, entrou em choque. Certo dia trocaram insultos que, relatados a Castro por sua amiga, o levaram à fúria; dessa vez não arremessou cachos de bananas mas deixou o hotel. Após longos anos de residência o rompimento do ambiente afetivo foi demasiado cruel para sua idade. Logo sua situação física começou a piorar: além da surdez sobreveio uma rápida perda da visão, dificuldades circulatórias, e o falecimento a 30 de maio de 1993, pouco depois de comemorar seu aniversário. Por essa ocasião esforçava-se para ser o *Oliveira Castro* alegre e bem humorado de sempre mas traços de cansaço, ansiedade e desconforto o marcavam visivelmente.

Oliveira Castro caminhou sempre até onde seu coração o levou: para a engenharia, para o ensino, para o casamento, para a Matemática, para as iniciativas pioneiras que se ergueram no Brasil deste século, como o Instituto Nacional de Tecnologia, a Universidade do Distrito Federal, o Núcleo Técnico-Científico da Fundação Getúlio Vargas, o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, para a vida boêmia, para a poesia e, finalmente, para o desenlace final. Foi o que se pode dizer um apaixonado pela vida.

As instituições, como qualquer edificação, se constróem com pedras e cimento; embora as primeiras sejam mais vistosas e aparentemente esgotem o espaço edificado, são totalmente inúteis sem a ligação que as torna solidárias. *Francisco Mendes de Oliveira Castro* foi “cimento” no CBPF. Diretor Científico da casa no período que reputamos mais difícil dentro das inúmeras crises que vivemos, de 1954 a 1959, quando não apenas os recursos materiais escasseavam, mas multiplicavam-se as divergências entre a liderança da casa, nenhum sopro de alento, nada que pudesse indicar, ainda que remotamente, uma mudança favorável, garantiu a integridade e continuidade da instituição. Até bem pouco antes de falecer podia ser encontrado na Biblioteca do CBPF consultando periódicos científicos, anotando resultados para discutir com estudantes que orientava dentro da Colaboração

Brasil-Japão da qual fazia parte. Deixou-nos a todos elevado exemplo de compromisso profissional. A decisão da Diretoria do CBPF, com o apoio do CNPq e do MCT, de perpetuar-lhe a memória, criando o Espaço *Oliveira Castro*, moderno ambiente para reuniões, tomada de decisões, debates e estudos foi, portanto, um gesto acertadíssimo de justa e reverente homenagem.

Tomamos conhecimento da devoção de *Castro* à poesia, casualmente, numa conversa que mantivemos no laboratório da Profa. *Neusa Amato*. Nessa conversa acabou revelando que estava escrevendo estrofes sobre cada um de seus colegas de trabalho, que deveriam permanecer secretas até que não estivesse mais vivo. Diante dessa declaração manifestamos a opinião de que permanecessem secretas pela eternidade, no que nos contestou prontamente, alegando que apenas os “vasos ruíns” jamais quebram e não se considerava tão ruím que ninguém o aceitasse nas esferas elevadas, além da órbita de Plutão. Alegamos que não se tratava disso mas que se Plutão nos ouvisse o deixaria entre nós para sempre, nosso intermediário e bem humorado conselheiro. Desconversou com gostosa gargalhada, confessando que havia versos para todos, inclusive para nós.

Só muito recentemente obtivemos esses versos, graças à *Helena C. de Souza*, dileta amiga, Secretária do Departamento de Física Nuclear e Altas Energias, ao qual *Castro* estava vinculado, e a quem confiara parte deles, e à *Theresinha Villar*, microscopista, suave e culta, com grande sensibilidade para o conteúdo histórico do momento vivido²; enfim, graças a essas pessoas especiais, conseguimos por as mãos em sua deliciosa poesia.

Antes de mostrá-los, uma reflexão que fizemos à margem do diálogo acima referido, procurando entender a dimensão poética de *Oliveira Castro*. Jamais suspeitamos usasse parte de seu tempo para navegar pelos domínios mágicos dos sonhos poéticos, em que pese sempre reconhecemos sua sensibilidade e bom gosto. Embora essa atividade requiera muito do talento, do prazer pessoal para o seu exercício, acho que foi também a característica de uma época que, tememos, se tenha extinguido na geração de *Oliveira Castro*. O grande matemático *Augustin Cauchy* deixou copiosa obra poética e o notável maranhense *Joaquim Gomes de Souza*, nome inseparável de qualquer relato histórico sobre o desenvolvimento da matemática no Brasil, é responsável pela façanha de construir uma antologia poética com obras de autores em mais de uma dezena de idiomas diferentes³. Exatamente no ano em que *Oliveira Castro* nascia, 1902, publicava-se a primeira edição de *Os Sertões* de *Euclides da Cunha*, Engenheiro também como *Castro*, embora Militar, tornado um clássico das letras brasileiras; no mesmo ano *Affonso Henriques de Lima Barreto* abandonava a Escola de Engenharia do Largo de S. Francisco, pressionado por dificuldades para sustentar família numerosa que a doença do pai pusera em suas mãos, filho mais velho, matando o engenheiro para dar à luz o grande romancista que foi, apreciado até nossos dias⁴; há também *Joaquim Cardoso*, calculista de estruturas preferido de *Oscar Niemeyer*, cuja obra poética mereceu várias páginas em *A Literatura no Brasil*, sob a direção de *Afrânio Coutinho* e *Eduardo de Faria Coutinho*,

²A ela devemos também a guarda das caricaturas de *Castro* aqui reproduzidas.

³Temos em mãos uma cópia desse texto em micro-fichas que estamos tentando reproduzir de modo a viabilizar uma futura publicação; existe apenas um exemplar dessa obra, na Biblioteca Nacional.

⁴A Televisão brasileira encenou recentemente duas de suas deliciosas criações: *O Homem que Falava Javanês* e *a Nova Califórnia*, com grande sucesso.

3^a Ed., José Olympio⁵. E houve o caso de *Afrânio Peixoto*, competente médico, cuja reputação na comunidade literária o levou à presidência da Academia Brasileira de Letras, de *Roquette Pinto*, antropólogo, membro da Academia Brasileira de Ciências, de *Darcy Ribeiro*, também antropólogo e membro da Academia Brasileira de Letras, ambos com incursões bem sucedidas na poesia e no romance; é realmente longa a lista daqueles que tiveram uma formação científica e apareceram de forma destacada também nas letras brasileiras.

É verdade que os pendores literários de *Oliveira Castro* nunca ultrapassaram os limites dos colegas de trabalho e de seus amigos, nem nos consta que ele tivesse feito qualquer esforço especial para isso. Seu gosto pelo verso, creio, vem mais de um tipo de educação que dominou a formação dos brasileiros até começo dos anos '60, quando entrou em vigor a Lei de Diretrizes e Bases mais pragmática em face do crescimento populacional, derrubando os últimos baluartes do ensino humanista.

A juventude de *Castro* foi dominada pela presença de uma intelectualidade constituída principalmente por poetas e escritores que ganhavam a vida no jornalismo ou em profissões diversas, utilizadas como meios de sobrevivência que lhes proporcionavam suficiente lazer para a produção literária. A essa componente mais erudita juntava-se outra, semi-popular, saída da modinha, da seresta, do sarau, dos “pianeiros”, dos declamadores. Essa componente cresceu nas duas primeiras décadas, graças ao fonógrafo, mas o rádio acabou com ela, trocando seus atores por grupos de profissionais assalariados, executando ao vivo. Após os anos '30, assim, aquelas tradições apagaram-se progressivamente; hoje sobrevivem em grupos folclóricos e na persistência de alguns abnegados, em pequenas localidades no interior do país. A geração de *Castro* curtiu muito esse ambiente. Era comum entre os jovens da época o caderno de poesias, onde registravam versos originais ou os copiavam de amigos e amigas.

Os versos de *Oliveira Castro* são um retrato de seu coração apaixonado, do gosto pelo formalismo, pela sátira e são também o exercício de uma reflexão sobre si mesmo que empreendeu nos últimos anos de vida. Em alguns domina o espírito lúdico, a alma simples, o bom humor levado à caricatura. Principalmente nas “Fofocas de um Octagenário”, datadas de setembro de 1986, onde faz críticas bem humoradas de muitos de seus colegas do CBPF. Como em qualquer caricatura, os versos amplificam propositalmente um aspecto da personalidade ou de uma ocorrência, para obter um efeito humorístico. Nem todas as pessoas sentem assim e alguns podem tomá-los como impertinente galhofa. Decidimos assim mesmo publicá-los porque entendemos que ninguém faz versos para desafetos ou inimigos, muito menos para fustigar ou ridicularizar colegas de trabalho; no caso, essas estrofes nos parecem mais uma despedida antecipada, pedaços do afeto que dispensou àqueles que durante tantos anos caminharam com ele em direção ao desconhecido. Cremos que *Oliveira Castro* considerava a Ciência bela como a Poesia e também capaz de dar bons frutos, não havendo razão, portanto, para carrancas ou humores ácidos.

Estamos reproduzindo os versos de *Oliveira Castro* conforme os recebemos; procuramos mostrá-los na ordem das datas indicadas, mas dois deles não as tem. As “Fofocas de um Octagenário” foram datilografadas por *Helena C. de Souza*, tendo na primeira página a rubrica de *Castro* e a indicação: 11-6-87, mas a data indicada da datilografia do texto é:

⁵Somos gratos mais uma vez a Reynaldo V. Alvarez por esta e outras informações que incluímos no texto.

setembro de '86. Um grupo de versos aparece com a indicação “Cortado pela Censura”; não foram, obviamente, incluídos. Os versos que recebemos em manuscrito reproduzimos também em transcrição digital, com a pretensão de que a escrita de próprio punho o traga mais junto a nós, seus admiradores. Quando nos pareceu necessário e nos sentimos capazes de fazê-lo, incluímos uma nota de esclarecimento. Alguns dos colegas mencionados são também hoje falecidos; sua presença nestes versos nos permite reverenciar também suas memórias. A todos elevamos nosso pensamento e a manifestação de nossa saudade.

FOFÓCAS DE UM OCTAGENÁRIO
(setembro de 1986)

Eu vou fazer, quanto antes, Seguro contra sinistro; Está correndo o boato Que o Leite quer ser ministro.	Se aparecem teorias Novas ou muito importantes, Em nosso Centro não falta Quem não as pensasse antes.
Que o Danon nunca estudou Astronomia é notório; Por isso ele é diretor Do nosso Observatório.	O Beck não quer mais nada Pois já está aposentado, Mas eu o vi, no Ouro Verde, Muito bem acompanhado.
Tiomno é muito gago, Quando começa a falar, Depois de dar a partida, Não consegue mais parar.	Hervasio foi uma pena Que se tenha aposentado; P'ra escolher microscopista, Ninguém melhor indicado.
Todo o mundo diz que foi Deste Centro o fundador; Não queiram tirar do Lattes Essa glória, por favor!	Se o Prem é discriminado, Para ser franco, não sei Até parece o Brizola Se queixando do Sarney.
As nossas reuniões Duram quase o dia inteiro, Não se fala em ciência, Só se fala de dinheiro.	De tudo o que publicou, Sempre uma cópia me deu; Duvido que alguém, no Centro, Entenda o que ele escreveu!
O Novello ainda não tem O seu lugar neste verso Vou esperar que descubra A origem do Universo.	Neste Centro, o raciocínio Vai acabar de uma vez; Usam o computador Até p'ra Regra de Três.
Tanta gente pensou nisso, Que é para desanimar; Mas se ele quer perder tempo, Bem, - pode continuar.	Uma figura notável É o professor Kodama; Faz a tese para o aluno E o aluno fica na cama.
Somente uma variedade Localmente euclidiana, É tudo o que o Nachbin vê Na casca de uma banana.	O Jader além de Físico, É grande conquistador; Broto, corôa, vai tudo, Valha-me Nosso Senhor!

Para falar sobre a Neusa
É preciso ter cuidado;
Por ela ser minha Chefe,
Prefiro ficar calado.

Anna Maria ficou
Zangada com o Diretor;
Desmontou todo um banheiro
E botou no corredor.

O Alfredo é um “gatão”,
Basta ver um seu retrato,
Por isso não me admira
Que ele crie tanto gato.

Ramiro faz funcionar
Muito instrumento perdido;
Já lhe prometi um doce
Se consertar meu ouvido.

Da Elisa não sei nada,
Mas, em verdade, vos digo:
Se eu falar alguma coisa,
o Jayme briga comigo.

Joffily tomou a si
Dar jeito na biblioteca;
Se ele não tomar cuidado
É ele quem leva a breca.

No caso dos argentinos
Bem cedo me convenci
Que devo lidar com eles
Como o Itamaraty.

Colegas independentes,
Para evitar confusão,
Devem, por nós, ser tratados
Com a “não intervenção”.

O Odilon todos sabem
Muito preza sua estética;
Mas barbicha como a dele,
Só na União Soviética.

Luiz Carlos Gomes tem
Uma pinta de rapaz,
Mas pinta quadros também.
Vejam só do que é capaz!

O Constantino e o Ferreira
Devo citar neste verso;
Descobriram que a vida
Surgiu antes do Universo!

Olinto, ex-diretor
Era muito criticado;
Para mim foi muito bom;
Aumentou meu ordenado.

O Alberto Passos teve
Uma iniciativa vã;
Porque a Ciência-Hoje
Só dura até amanhã.

Do Affonso eu escutei
De uma lingua feminina;
“Ele lembra o Rasputin,
Confessor da Czarina”.

As moças são dedicadas
Trabalham o dia inteiro;
Eu não sei o que elas fazem
Pois não sou bisbilhoteiro.

Quando o Centro dá um chá,
Cuidado com o Luiz Reis;
Se ele aparece por lá,
Come tudo de uma vez!

Arata, neste Brasil,
Muito tem o que aprender;
Quando há um feriado,
Ele fica p'ra morrer.

P'ra falar do Saitovitch
Quem começa, desanima,
Pois na língua portuguesa,
Não encontra uma só rima.

Na sub-diretoria
Está sentado o Amós,
Que fica lá, todo o dia,
Embromando todos nós.

Há quem procure no Centro,
Uma partícula nova,
Se o Lattes não ajudar,
Vai encontrar uma ova!

No projeto do Santoro
Eu não faço muita fé,
Pois ele faz detector
Para o que ainda não é.

Sei que deixei de citar
Muitos dos colegas meus;
Esses é que são felizes,
Devem dar graças a Deus!

O que o Elly quer fazer,
Eu não sei muito certinho,
Parece que do Santoro
Vai pelo mesmo caminho.

Meus amigos me desculpem
Essas minhas brincadeiras,
Já estou quase na hora
De pendurar as chuteiras.⁶

Dos Anjos fugiu do céu,
No que ele fez muito bem!
Mas o que ele fez, lá em cima,
Não quer contar, p'ra ninguém!

Talvez algum companheiro
A minha vida resuma:
“Ficou aqui tanto tempo,
E não fez coisa nenhuma!”

Na Grécia houve um Ximenes,
O Centro tem um também;
Não consegui descobrir
O parentesco que têm.

Teixeira, há muito tempo,
Estuda gravitação;
Se cai num buraco negro,
Digo “de lá não sai não!”

⁶Aqui “pendurar as chuteiras” não significa, de modo algum, referência à aposentadoria, pois desde os setenta anos estava compulsoriamente aposentado.



De um caricaturista de rua (1971)

De um caricaturista de rua (1971)

Outros Versos

Vida anterior

*Sob pórticos morei que às vezes difundiam
a luz solar, criando efeitos milagrosos.
Os seus grandes pilares retos, majestosos
Cavernas de basalto, à noite, pareciam.*

*As imagens do céu as ondas revolviam,
Solenes, emitindo uns sons misteriosos
De música suave e acordes vigorosos,
Em face a um por de sol que os olhos refletiam*

*Foi lá que pude achar voluptuosas calmas
Mergulhado no azul, em vagas e esplendores,
Por entre negros nus, impregnados de odores*

*Que estavam a me abanar com seus leques de palmas.
E só tinha um cuidado: o de achar a razão
D'aquilo que causava a minha lassidão*

Coincidências

*Lustosa, que coincidências!
Nascemos no mesmo dia,
Cursamos a mesma escola,
No mesmo ano, tiramos
O cobijado canudo,
E já temos, de existência,
Muito mais do que eu previa.
Chegamos a oitenta e nove
Se atingirmos os noventa
Com saúde, assim espero,
Vamos começar de novo
Pois é (noves fora zero).*

Perfume Exótico
(15/02/91)

*Quando, em noite de outono, eu, de olhos fechados,
Dos teus seios respiro o odor excitante,
Sempre vejo surgir, feliz, no mesmo instante,
Pelos raios do sol, recantos irisados*

*Um'ilha preguiçosa onde a Natura planta
Árvores singulares, frutos saborosos;
Homens de corpo esbelto, altos, vigorosos,
Mulheres cujo olhar pela franqueza espanta*

*Teu perfume me leva a passagens belas.
Vejo um porto repleto de mastros e velas
Ainda fatigado das ondas marinhas*

*Na hora em que o perfume dos tamarineiros
Circula pelos ares e me enche as narinas,
À minha alma se ajunta a voz dos marinheiros*

O Albatroz
(11/05/91)

*Só para divertir-se, um homem da equipagem
Captura um albatroz, grande ave do mar
Que acompanha o navio, amigo de viagem,
Pelos salsos abismos que há de encontrar.*

*Mal pisa no convés, começa logo a andar
E vai o rei do azul, sem jeito, envergonhado,
As grandes asas brancas, deixando arrastar,
No chão, como se fossem remos a seu lado.*

*Ridículo e sem graça, o viajor alado
Que antes era belo, agora feio estava.
Cachimbada um lhe dá e o torna irritado,
Outro imita, mancando, o enfermo que voava.*

*O poeta é semelhante ao príncipe da altura
Que enfrenta tempestades e o arqueiro, no ar;
Exilado na terra, a mofa não atura
E as asas de gigante impedem-no de andar.*

Epitáfio
(17/05/91)

*De um epitáfio, em meu túmulo,
Se alguém se lembrar um dia,
Eu gostaria que fosse:
“jaz aqui quem não queria”!*

Roxura⁷
(17/05/91)

*Hoje o roxo está na moda,
Depois que o Collor falou
Eu pensei comigo mesmo,
Vejam só que desconsolo!
Como é que ele foi herdar
Pendientes de crioulo!*

⁷O verso se refere a uma expressão chula, usada pelo ex-presidente Collor para se atribuir as virtudes do destemor e da coragem. Há quem veja nele sinais de racismo. Em toda nossa convivência com Castro nunca testemunhamos nem ouvimos qualquer relato de tal posição. Foi, parece-nos, mais um risco calculado; Castro era do tipo que “perde o amigo mas não perde a ‘piada’.”

A Beleza
(1/06/91)

*Como um sonho de pedra eu sou bela ó mortais,
Meu seio, em que deixou cada qual sua dor,
Nasceu, para inspirar ao poeta um amor,
Tanto quanto a matéria, mudos e eternais.*

*No meu reino o azul, eu posso reunir
Do coração: a neve e, do cisne: a brancura
Odeio o movimento que altera a figura
Ninguém me viu chorar, ninguém já me viu rir.*

*Os poetas, em face às minha atitudes,
Que aparento tirar de obras importantes,
Levarão uma vida de austeras virtudes.*

*Tenho, p'ra fascinar esses dóceis amantes,
Espelhos que conferem a tudo mais beleza:
Meus olhos, grandes olhos de eterna clareza*

A Uma Passante
(12/06/91)

*A rua, à minha volta, era um só alarido,
Alta, magra, de luto, em traje rigoroso,
Passou uma mulher e, num gesto vaidoso,
Levanta, balançando a barra do vestido.*

*E deixa aparecer a perna escultural.
Eu bebia e, tolhido por funda emoção,
No céu do seu olhar, raiz de um furacão,
A meiguice que atrai e o prazer que é mortal*

*Relâmpago ... noite! Fugitiva beldade
Cujo olhar, de repente, me fez renascer,
Será que nos veremos só na eternidade?*

*Longe! tarde de mais! ou nunca! pode ser!
Não sabes para onde vou e levaste um sumiço
Tu que eu queria amar, tu que notaras isso!*

Vida anterior

Sob pórticos morei que às vezes difundiam
a luz solar, criando efeitos milagrosos.
Os seus grandes pilares, retos, majestosos
Cavernas de basalto, à noite, pareciam.

As imagens do céu as ondas revolviam,
Solene, emitindo uns ~~sons~~^{sons} misteriosos
De música suave e acordes vigorosos,
~~Além de um~~ ^{de um} pó de sol que os olhos repletiam
~~Diante do~~ ^{me face a um}

Foi lá que pude achar voluptuosas calmas,
Mesquindo no azul, em vagas e esplendores,
Por entre negros nús, impregnados de odores

Que estavam a me abanar com seus leques de pátomas.
E só tinha um cuidado: ~~era~~^o a achar a razão
D'aquilo que causava a minha lassidão

Coincidências!

Justos a, que coincidências!

Nascemos no mesmo dia,

Entramos a mesma Escola,

No mesmo ano, teranos,

O colicado ca nudo,

E fô termos, de existência,

Alto mais do que eu previa,

Entramos a oitenta e nove,

Se atingirmos os noventa,

Com saúde, assim es peso,

Vamos começar de novo

Por " « Nove três e, zero, »

Seigo muito mais, até pontos que deixam
 Tanto a luz do sol, em tem mais
 Este muito em mente ^{mente} tempo, durante
 Um de três de sei com tem noventa
 Os seis primeiros pilares, sete, no fim

15/191

Perfume exótico

Quando, em noite de outono, eu, de olhos fechados,
Dos teus seios respiro o odor excitante,
Sempre vejo surgir, feliz, no mesmo instante,
Pelos raios do sol, ~~em~~ recantos, iluminados:

Um' ilha preguiçosa onde a Natureza planta
Arvores singulares, de frutos saborosos;
Homens de corpo esbelto, altos, vigorosos,
Mulheres cujo olhar pela franqueza espanta.

Teu perfume me leva a paisagens belas...
Vejo um porto repleto de mastros e velas
Ainda fatigados das ondas marinhas

Na hora em que o perfume dos tamarineiros
Coicula pelos ares e me enche as narinas,
A minha voz ajunta a voz dos marinheiros.

11/5/91

O albatroz

Só para divertir-se, ^{um} o homem da equipagem
- Capture um albatroz, grande ave do mar
- Que acompanha o navio, amigo de viagem,
- Pelos salos abismos que ~~se~~ encontrar.

— ^{para} Mai ~~pois~~ no convés, começa logo a andar
— E vai o rei do azul, sem feio, envergonhado,
— As grandes asas brancas, deixando anastar,
— No chão, como se fossem remos a seu lado.

— Ridículo e sem graça, o viajor alado
— Que ^{antes} ~~antes~~ era belo, agora feio estava.
— ^o Cachimbadá um. ^o Bã dá é o torna virado,
— Deu ignita, mancando, o enfermo que soava

— O poeta é semelhante ao príncipe da altura
— Que enfrenta tempestades e o arqueru, no ar;
— Exilado na terra, a moça não atura
— E as asa de gigante impedem-no de andar.

17/5/91

Epitáfio

De um epitáfio, em meu túmulo,
Se alguém se lembrar um dia,
Eu gostaria que fosse:
« faz aqui quem não queria! »

Roxina

Hoje Roxa está no nada,
Depois que o Colôr falou.
Eu pensei comigo mesmo,
Váam só que desconsolo!
Como é que ele foi herdar
Presidência de crioulo?

1-1-91

A Beleza.

Como um rio de pedra eu sou bela & imortal,
Meu ser, eu que deixei cada qual sua dor,
Nasceu, para inspirar ao poeta um amor,
Tanto quanto a matéria, mudos e eternos.

No meu reino o azul, eu posso reunir
Do coração; a neve e, do céu; a brancura
Adão o movimento que astora a figura
Ninguém me viu chorar, ninguém já me viu rir.

De poetas, eu faço as minhas atitudes,
Que aparento tirar de obras ~~de~~ importantes,
Levará uma vida de austeras virtudes.

Tenho, pra fascinar esses doces amantes,
Espelhos que conferem a tudo mais beleza;
Meus olhos, grandes olhos de eterna beleza.

12/6/91

A uma passante

A rua, à minha volta, era um só alarido,
 Aíla, magra, de luto, em traje rigoroso,
 Passou uma mulher e, num gesto vaidoso,
 Levanta, balança, a barra do vestido.

Deixando apanear a perna esculptural.
 Eu bebia, e tolvio por fúrida emoção,
 No céu do seu olhar, traiz de um furacão,
 A terrura que atribui coprazer que é mortal

Relampago... noite! Fugitiva beldade
 Cujos olhos, de repente, me fez renascer,
 Será que ~~vou te ver~~, tão só na eternidade?
 nos veremos

Longe! Lado de mais! ou nunca! pode ser!
 Não sabes pra onde vou e levante um sumiço,
 Tu que eu queria amar, tu que notaras isso!

A. 2 quadras
 B. também